

ISSN: 2176-5960

# PROMETEUS FILOSOFIA

ISSN: 2176-5960

maio - agosto de 2017

número 23

## UM ENSAIO HISTÓRICO SOBRE A CAVALARIA E A HONRA DOS MODERNOS

David Hume

Apresentação e tradução:

Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro  
Universidade Federal de Sergipe

### Apresentação

O texto a seguir, intitulado “Ensaio Histórico sobre a Cavalaria e a Honra dos Modernos”, foi escrito durante a juventude de David Hume, certamente antes da publicação do *Tratado da Natureza Humana*. Ainda não há consenso inabalável sobre o ano em que esse ensaio foi produzido. John Hill Burton, que o publicou pela primeira vez, em 1846, considera que Hume o teria escrito em 1727, logo após deixar o Edimburgh College. J. Y. T. Greig propõe uma conjectura um pouco mais, por assim dizer, elástica, considerando que o texto deve ter sido escrito no período de 1729 a 1734. Ernest Campbell Mossner, responsável por resgatar o “Ensaio” ao publicá-lo na revista *Modern Philology* em 1947, propõe, por sua vez, que o texto dataria de 1725 ou 1726. Segundo Mossner,

A juventude e a precisão da caligrafia, a ampla aceitação da tese durante a Época das Luzes, o brilho, e, ainda assim, a superficialidade do tratamento, o tom de dogmatismo e o estilo ocasionalmente desajeitado todos parecem, para mim, mostrar que se trata de um trabalho de graduação ou de um ensaio para concurso. (MOSSNER, 1947, p. 54)

O comentador afirma ainda que, mesmo que o texto exista apenas como fragmento nos dias de hoje, o fato de ter sido cuidadosamente preservado por Hume corrobora a tese de que se trataria de um ensaio submetido a concurso.

O próprio Mossner, entretanto, reconhece que há objeções à sua tese. Em primeiro lugar, não se encontra, nos dados biográficos de Hume referentes aos anos seguintes, nenhuma

alusão ao texto. Em suas cartas a amigos, são mencionadas, em termos bastante gerais, “investigações filosóficas” do jovem autor, as quais culminariam na “*new scene of thought*” que ele mencionaria em uma famosa carta de 1734, que jamais foi enviada e cujo destinatário é incerto<sup>1</sup>. De qualquer modo, é certo que, mesmo nesse período que precedeu a publicação do *Tratado*, Hume se teria dedicado a temas históricos, o que fica evidente, por exemplo, na composição de um ensaio sobre os milagres que, como se sabe, resultou, posteriormente, em uma seção importante de *Uma Investigação sobre o Entendimento Humano*. Mais sérias, para Mossner, seriam objeções segundo as quais o “Ensaio sobre a Cavalaria” seria demasiado maduro e, além disso, seria um texto de grande precisão analítica e de estilo bastante seguro, o que simplesmente não combinaria com um texto escrito por um jovem graduando. A isso, Mossner só pode responder que não é impossível que o gênio que trouxe ao mundo o *Tratado* aos vinte e seis anos pudesse muito bem ter composto o “Ensaio” aos quatorze ou quinze.

Mais recentemente, essa tese sobre os possíveis anos de publicação do “Ensaio sobre a Cavalaria” foi criticada por M. A. Stewart (2000), que, a partir de análises da caligrafia de Hume e da marca d'água presente no manuscrito, estimou que o texto teria sido produzido por volta de 1931<sup>2</sup>. Desse modo, estaria situado em período anterior ao *Tratado*, mas no qual já se teria aberto para o autor a “nova cena de pensamento” anteriormente mencionada.

Não se trata, aqui, de defender uma dessas propostas de datação da obra. De qualquer modo, é importante não perder de vista que, apesar de ter um formato bastante distinto daquele que se veria ao longo do *Tratado da Natureza Humana*, o “Ensaio sobre a Cavalaria” já permite entrever elementos importantes daquilo que Hume viria a chamar de ciência da natureza humana. Evidentemente, não caberia, em um ensaio sobre tema particular, desenvolver princípios de maneira sistemática, tal como se vê ao longo do *Tratado*. De qualquer modo, já é bastante perceptível, no ensaio de juventude, a disposição do autor não apenas no sentido de tentar explicar, com recurso a princípios naturais bastante econômicos, um fenômeno histórico complexo, mas de transformar os eventos em questão em uma instância que fornece os dados necessários para explicar a natureza humana. Isso é relevante quando nos lembramos que, na Introdução do *Tratado*, Hume informa ao leitor que

A filosofia moral tem, de fato, essa desvantagem peculiar, que não é encontrada na natural, a de que, ao coletar seus experimentos, não é possível produzi-los propositalmente, com premeditação, e de maneira tal que seja satisfatória no que diz respeito a todas as dificuldades particulares que possa haver. [...] Devemos, portanto, recolher nossos experimentos referentes a essa ciência a partir de uma observação cuidadosa da vida humana e tomá-los como aparecem no curso

---

<sup>1</sup> Ainda que a maioria dos comentadores considere que a carta teria sido escrita para ser enviada ao Dr. George Cheyne, Mossner defende, tanto em um artigo de 1944 quanto em sua extensa biografia de Hume, publicada em 1954, que o destinatário seria, na verdade, o Dr. Arbuthnot.

<sup>2</sup> Cf. SUSATO, 2007, p. 162.

comum do mundo, pelo comportamento dos homens em companhia<sup>3</sup>, nos negócios e em seus prazeres.<sup>4</sup> (HUME, 2000, p. 6)

Esse é um ponto que, no *Tratado*, poderia estar mais evidente na maneira como o texto se estrutura. Ainda assim, não é o caso, em momento algum, de colocar em dúvida as intenções do autor de construir uma ciência experimental do homem. Esse aspecto, aliás, tornou-se progressivamente mais explícito ao longo da carreira filosófica de Hume. Já no ensaio “Of the Study of History”, posteriormente abandonado, ele informava ao leitor que a leitura de textos históricos não apenas “melhora o entendimento”, na medida em que age como uma expansão de nossa experiência, mas também fortalece a virtude, já que permite que contemplemos casos concretos (o que não seria possível no caso de longos tratados morais de cunho argumentativo), mas guardemos, com relação a eles, um distanciamento saudável, o que nos colocaria em uma posição privilegiada, na qual, livres de quaisquer interesses particulares, poderíamos ser acometidos pelos sentimentos morais apropriados.

A ciência da natureza humana proposta por Hume teria, portanto, a pretensão de intervir, em alguma medida, na prática de seu público, o que seria favorecido pelo recurso frequente a casos históricos. Isso talvez colabore para explicar, também, a profusão de exemplos não apenas em vários dos ensaios, mas também em obras como *Uma Investigação sobre os Princípios da Moral*. Por um lado, trata-se de explicitar os experimentos que levaram ao estabelecimento de princípios que têm, por sua vez, a função de explicações de caráter geral, as quais remetem a certa economia da natureza. Por outro, trata-se, também, de colaborar para a formação moral do leitor. Seria descuidado, para dizer o mínimo, afirmar que esses dois propósitos já estão presentes em um ensaio concebido em condições desconhecidas, por um autor que ainda nem havia iniciado sua carreira. De qualquer modo, não é despropositado ressaltar aspectos presentes no “Ensaio sobre a Cavalaria” que, já em sua maturidade literária, Hume trataria de retomar e aperfeiçoar.

É importante observar, ainda, que o “Ensaio” guarda, ainda, relações temáticas importantes com escritos posteriores de seu autor. Parece bastante natural compará-lo ao

---

<sup>3</sup> Optamos pelo termo companhia para preservar a extensão do original *company*. É verdade que, nessa passagem, não haveria grandes perdas em utilizar uma tradução mais livre, como “sociedade”. Entretanto, ao longo da obra de Hume (incluindo, por exemplo, citação abaixo), parece que o autor pretende que *company* diga respeito, parte das vezes, ao que chamaríamos de “boa companhia”, ou, em algumas ocorrências, a uma companhia que é inseparável do sentimento de camaradagem. Parece mais seguro, então, empregar o termo mais próximo possível em português, ainda que, ocasionalmente, isso possa causar estranhamento.

<sup>4</sup> Moral philosophy has, indeed, this peculiar disadvantage, which is not found in natural, that in collecting its experiments, it cannot make them purposely, with premeditation, and after such a manner as to satisfy itself concerning every particular difficulty which may be. [...] We must therefore glean up our experiments in this science from a cautious observation of human life, and take them as they appear in the common course of the world, by men's behaviour in company, in affairs, and in their pleasures.

tratamento da cavalaria que seria desenvolvido, posteriormente, na *História da Inglaterra*. Nos dois textos, nota-se uma associação importante entre os ideais da cavalaria e certos aspectos importantes das maneiras modernas. Observe-se, por exemplo, que, no Apêndice II da *História*, depois de afirmar que o progresso da erudição banuiu, em grande medida, as ideias da cavalaria, Hume informa que a galanteria e a prática de duelos “ainda mantêm sua influência”. No “Ensaio sobre a Cavalaria”, por sua vez, lê-se que os ideais de cavalaria consistem em uma mistura de coragem e amor.

Essa é uma associação que está em plena consonância com o que se vê, também, no ensaio “Of the Rise and Progress of Arts and Sciences”. Este último texto, porém, evidencia maior preocupação em mostrar de que modo os ideais de cavalaria estariam na raiz das noções modernas de polidez. Nesse sentido, se a prática de duelos merece críticas severas, a galanteria será reiteradamente elogiada por Hume, que vê a tradição do galanteio como o embrião da polidez moderna, além de ser resultado de um amor entre os sexos que é uma paixão perfeitamente natural. A convivência com mulheres virtuosas teria levado ao estabelecimento da polidez na medida em que a galanteria, do modo como é apresentada por Hume, consistiria justamente na prática segundo a qual os homens, para suavizar a percepção de sua superioridade física com relação às mulheres, as tratariam com respeito e deferência. Seria resultado, então, dos mesmos princípios que estabeleceram as demais regras de polidez, que consistiriam em atos semelhantes, pelos quais o superior diminui, com atos respeitosos, a sensação desconfortável que, de outro modo, acometeria o inferior. É notável, a esse respeito, a semelhança entre o galanteio e a seguinte circunstância, característica de situações envolvendo cavalheiros de boas maneiras:

Um homem é o senhor em sua própria família, e seus hóspedes são, de certa maneira, súditos de sua autoridade. Por conta disso, ele é sempre a pessoa mais rebaixada quando em companhia, permanece atento às necessidades de todos, e atribui a si próprio todo o trabalho, de modo a agradar, sem trair uma afetação demasiadamente visível, ou impor constrangimento demais a seus hóspedes. A galanteria não é nada além de um exemplo da mesma atenção generosa.<sup>5</sup> (HUME, 1985, pp. 132-133)

É inegável que há, entre o ensaio de juventude e aquele sobre o surgimento das artes, uma diferença importante de postura no que diz respeito à caracterização da galanteria. No texto de juventude, Hume faz questão de observar que o tratamento das mulheres na tradição da

---

<sup>5</sup> A man is lord in his own family, and his guests are, in a manner, subject to his authority: Hence, he is always the lowest person in the company; attentive to the wants of every one; and giving himself all the trouble, in order to please, which may not betray too visible an affectation, or impose too much constraint on his guests. Gallantry is nothing but an instance of the same generous attention.

cavalaria incorria em exageros no que toca ao respeito e à deferência. Isso, porém, não impede que estivesse aí o germe de certas práticas que, adequadas a tempos mais ilustrados, terminariam por se revelar bastante desejáveis.

Deve estar evidente, a esta altura, o interesse que o “Ensaio sobre a Cavalaria” poderá ter para aqueles interessados na obra de Hume: trata-se de um texto essencial para que se observe o modo como são desenvolvidos, ao longo da carreira filosófica do autor, temas que lhe foram caros por muito tempo. No que toca a certas imperfeições características de um trabalho de juventude, e que poderiam fazer com que alguns leitores vissem o “Ensaio” como mera curiosidade, talvez valha a pena lembrar o conselho de Mossner, para quem “Qualquer escrito precoce de uma figura tão distinta quanto Hume deve levantar um interesse que transcende em muito seu valor intrínseco” (1947, p. 54). De fato, uma leitura do texto a seguir certamente se mostrará particularmente interessante para os leitores dispostos a empreender tentativas honestas de compreendê-lo em seu contexto, e a observar as relações que ele guarda com aspectos relevantes de outras obras de Hume.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUME, David. *Essays Moral, Political and Literary*. Indianapolis: Liberty Fund, 1985.

\_\_\_\_\_. “An Historical Essay on Chivalry and Modern Honour”. In MOSSNER, Ernest. “David Hume’s ‘An Historical Essay on Chivalry and Modern Honour’”. *Modern Philology*, vol. 45, n. 1, 1947, p. 54-60.

\_\_\_\_\_. *The History of England*. Indianapolis: Liberty Fund, 1983.

MOSSNER, Ernest. “David Hume’s ‘An Historical Essay on Chivalry and Modern Honour’”. *Modern Philology*, vol. 45, n. 1, 1947, p. 54-60.

SUSATO, Ryu. “The Idea of Chivalry in the Scottish Enlightenment: The Case of David Hume”. *Hume Studies*, vol. 33, n. 1, 2007, p. 155-178.

## **UM ENSAIO HISTÓRICO SOBRE A CAVALARIA E A HONRA DOS MODERNOS**

**David Hume**

**Tradução: Marcos Ribeiro Fonseca Balieiro**

Depois que a tirania do Império Romano sobre o mundo, e a tirania dos imperadores romanos sobre os próprios romanos, baniram toda a virtude, toda a espirosidade e toda a razão da Terra, e nada além de seus traços e suas pegadas esmaecidas restaram em meio à humanidade, aquela nação, que se havia erguido pela virtude, deve ter necessariamente sofrido uma alteração em seu império, já que havia realizado uma grande alteração em suas maneiras. Entretanto, já que, sem que ocorra enorme revolução nos afazeres públicos, é impossível que uma nação polida, gradualmente, e apenas por conta de um governo mal constituído, torne-se inteiramente bárbara, a sua mudança, por maior que tenha sido, nunca poderia se estender até o completo banimento de todas as artes, mas, na vida comum ao menos, deve ter restado quase que a mesma perfeição nas artes manuais, e, na conversação, um resquício de sua anterior civilidade. Mas estas, por mais que possam ser consideradas grandes adornos, são meramente adornos, de nada tendo servido para a defesa, mas, como belos tecidos e ricos bordados nos combatentes, atraem os ataques dos inimigos. Certamente, o maior atrativo para aqueles bárbaros que se espalharam pelo Império Romano eram as riquezas e a abundância delas e os efeitos das artes em que eles próprios eram defectivos. A isso podemos acrescentar a suavidade dos habitantes, um outro efeito [das artes] sobre eles. Ora, assim como, na guerra, essas artes polidas e luxuriosas fizeram com que os romanos fossem vencidos mais facilmente, deram a eles, em tempos de paz, como que uma vitória sobre seus conquistadores, e produziram uma conformidade de maneiras entre vencedores e vencidos. Chegou-se a um ponto em que a imitação dos romanos por parte dos bárbaros foi levada a um grau tão elevado que eles consentiram até em rejeitar sua própria religião e, ainda que toda nação grandiosa, quando de sua

vitória sobre outra, esteja pronta a considerá-la uma prevalência de seus próprios deuses sobre os dos vencidos, eles não tiveram qualquer escrúpulo em trocar seus deuses vitoriosos pelos que eles haviam superado.

Eles também não desejavam apenas imitar as maneiras antigas, mas, naturalmente, logo inventariam qualquer outra que fosse adequada àquele crepúsculo da razão que confundia suas mentes. Os antigos habitantes chafurdavam em um estado irrecuperável de indolência e inatividade e, tendo perdido estupidamente a perfeição naquelas artes que lhes haviam sido transmitidas por seus antepassados, não se poderia supor que estivessem em condições de inventar artes novas. Seus conquistadores, por outro lado, dedicaram-se com frescor e alacridade a essa empreitada e, sendo encorajados tanto pela novidade desses temas quanto pelo sucesso de suas armas, era natural que enxertassem algum tipo novo de fruto na antiga muda. Tivessem sua invasão e sua conquista ocorrido enquanto a filosofia grega estava, ainda, em condição tolerável, eles provavelmente teriam enxertado nessa muda, mas, como ela já estava em desgraça, e havia sido propositalmente tornada odiosa pela religião cristã, a qual dominava à época, e que eles abraçaram, eles se rebaixaram a trabalhar em outra, mais enraizada na vida comum. A partir daí, eles tratariam de embelezar, a partir de um método próprio, excelências e belezas inferiores, além das originais de que haviam apreendido as primeiras noções.

Pode-se observar, acerca da mente humana, que, quando ela é atingida por qualquer ideia de mérito ou perfeição que esteja além daquilo que suas faculdades podem alcançar e em cuja busca não usa nem a razão nem a experiência como seus guias, ela [a mente] desconhece qualquer meio termo e, dando rédeas a qualquer conceito ou devaneio floreado, e até mesmo os esporando, em um momento se distancia bastante da natureza. Assim, percebemos, quando ela se entrega sem discricção a seus fervores devotos, que, trabalhando em uma terra de fadas como essa, ela se enterra em seus próprios caprichos e quimeras e cria para si própria um novo conjunto de paixões, afecções, desejos e objetos e, em suma, um mundo próprio perfeitamente novo, habitado por seres diferentes e regulado por leis diferentes daquelas que regem o nosso. Nesse novo mundo, ela é arrebatada de tal modo que não pode suportar qualquer interrupção do antigo, mas, como a natureza ainda está pronta, em todas as ocasiões, a chamá-la de volta para este último, ela deve miná-lo pela arte e, retirando-se completamente do convívio da humanidade, caso esteja tão debruçada sobre seu exercício religioso, de Mística, por uma transição fácil, degenera-se em Eremita. O

mesmo se pode observar na filosofia, a qual, ainda que não possa produzir um mundo diferente daquele em que vagamos, faz-nos agir como se fôssemos seres diferentes do resto da humanidade ou, no mínimo, faz com que moldemos para nós mesmos regras de conduta diferentes daquelas que foram estabelecidas por nós pela natureza, ainda que não possamos executá-las. Nenhum motor pode substituir asas e fazer-nos voar, ainda que a imaginação de algo desse tipo possa fazer com que nos estiquemos, nos retorçamos e fiquemos nas pontas dos pés. E, nesse caso de um mérito imaginário, quanto mais nossas quimeras nos afastam da natureza e da prática do mundo, mais nos comprazemos, como que nos valorizando pela singularidade de nossas noções, e pensando que nos afastamos do resto da humanidade apenas por voar sobre ela. Quando nossa excelência não supera a de ninguém, estamos prontos a pensar que não temos excelência alguma, e a vaidade faz com que tomemos toda singularidade por uma excelência.

Na primeira vez, então, que esses bárbaros provaram algum grau de virtude e polidez, além daquele que jamais haviam encontrado até então, suas mentes necessariamente se estenderam até chegar a concepções vastas de coisas que, não tendo sido corrigidas por juízo e experiência suficientes, eram vazias e inconsistentes. Aqueles que haviam tido anteriormente concepções como essas não podiam assisti-los no nascimento delas, como os gregos haviam feito com os romanos e, mal sendo eles próprios semicivilizados, estariam mais aptos a acatar qualquer ideia extravagante e malformada de seus conquistadores do que a desenvolvê-las até tomarem forma.

Foi assim que aquele monstro que é a Cavalaria Romântica, ou Cavalaria Errante, pela operação necessária dos princípios da natureza humana, foi trazido ao mundo, e é notável que ela descenda dos mouros e dos árabes, que, tendo aprendido algo da civilidade romana por conta das províncias que conquistaram, e sendo, eles próprios, um dos povos do sul, que comumente se observa que são mais espertos e inventivos que os do norte, foram os primeiros a lançar-se a esse veio de realizações. Uma vez descoberto, ele se espalhou como um fogo incontrollável por todas as nações da Europa, as quais, estando na mesma situação que aquelas, acendiam-se com a menor das faíscas.

Quão monstruoso esse nascimento da cavalaria deve ter sido é algo que se pode depreender da consideração das diferentes revoluções das artes, particularmente da arquitetura, e comparando-se o seu modelo gótico com o grego. Este é liso, simples, regular, mas, na totalidade, majestoso e belo, e, quando os bárbaros inabilmente o

imitaram, incorreram em uma profusão selvagem de adornos e, por seus embelezamentos rudes, muito se distanciaram da natureza e da justa simplicidade. Eles ficaram aturdidos com as belezas das construções antigas, mas, ignorantes de como preservar um justo meio, e dando uma liberdade ilimitada à sua fantasia ao amontoar ornamento sobre ornamento, fizeram do todo um amontoado de confusão e irregularidade. Pela mesma razão, quando foram criar um novo esquema de maneiras ou de heroísmo, ele deve ter sido estranhamente sobrecarregado de adornos, e nenhuma parte deve ter escapado de seus refinamentos inábeis. E vê-se que foi realmente esse o caso, como se pode provar percorrendo as várias partes dele.

A primeira e mais conspícua parte deve ser, infalivelmente, a coragem, ou a bravura guerreira. Observa-se que, em todas as épocas rudes, bem como na infância de todos os Estados, essa é sempre a virtude mais admirada. Todas as ideias de mérito naturalmente descendem dos governadores da nação e daqueles que, por sua própria posição, têm algo como um mérito aos nossos olhos e estão colocados no mais belo ponto de vista, que recomenda qualquer outro mérito de que estão providos. As realizações a que eles aspiram, principalmente, são tais que os capacitam para o governo e os tornam capazes de adquirir a autoridade e empregá-la uma vez que tenha sido adquirida. Entre elas, a coragem é a mais importante. A única virtude que pode competir com ela é a capacidade de dirigir ou de estabelecer políticas, que é uma virtude que jamais é apreendida antes que se chegue, a partir de uma longa experiência, a uma época consideravelmente refinada. A natureza simples e inculta recorre sempre à força para obter seus fins, e até mesmo admira mais a força corporal e aquela força mental que se assemelha ela do que a habilidade de um tipo diferente, a qual poderia ensinar o uso correto de ambas. E nem seria apenas o exemplo dos governantes que tornaria a coragem celebrada, mas também sua preceituação. A coragem é uma virtude mais apropriada para os súditos que a capacidade de direção, e é absolutamente necessária em guerras, as quais são o principal negócio e o principal meio de atingir a grandeza em nações não civilizadas. Por essa razão, poderia estar segura da aprovação por parte dos políticos, que são as pessoas que mais colhem as vantagens resultantes dela.

Por isso é que, em Roma, em seus primeiros tempos, vê-se que essa virtude tinha reputação tão grande que o nome da virtude em geral foi derivado dela, e, de fato, ela tanto ofuscava todas as outras que bastava para conferir crédito a um homem, e, sem ela, todas as suas outras virtudes de nada valiam. Por isso, do mesmo modo, ela foi a virtude que reinou entre os primeiros heróis gregos, tais como celebrados por Homero,

que, em todas as ocasiões, torna-a a marca distintiva do mérito e, ao exaltar um homem sobre outro, pensa ser suficiente exaltar sua coragem, conjugando a ela a força corporal, que é seu instrumento.

Ela se tornaria, portanto, a virtude principal daqueles cavaleiros ou heróis românticos, e a virtude que, entre todas as outras, eles mais afetariam. É uma propriedade muito conspícua dessa virtude o fato de ela se exercer naturalmente em vista de qualquer poder ou coragem superior e se esforçar para superar qualquer possibilidade de oposição, ainda que esta não se ponha diretamente contra ela. Isso chega a tal ponto que a coragem, quando não é regulada pela discricção, mas se mantém pronta para atender a qualquer chamado, levanta-se contra tudo que possa despertá-la e corteja todos os perigos e toda oportunidade de se exercer. É uma qualidade ambiciosa, e rejeita o que quer que pareça obscurecê-la.

Por conta dessas propriedades é que as fábulas são baseadas em Hércules, Perseu, Teseu, Jasão e outros dessa estirpe, que, como nos contam os poetas gregos, sempre que ouviam falar em um dragão ou um monstro mais forte que eles próprios, imediatamente o viam como seu antagonista, e correr de uma aventura desse tipo a outro era sua ocupação constante. É verdade, com efeito, que essas são apenas fábulas, mas, ainda assim, como os romances de Amadis de Gaula e Lancelot du Lac, e outros desse tipo, mostram as noções de bravura na própria época em que foram inventadas. Além disso, comumente se pensa que havia algum fundamento para as histórias de Hércules e Teseu e outras fábulas da mitologia pagã, ainda que estranhamente disfarçadas pelas ficções dominantes dos poetas e da tradição.

Chega a esse ponto a semelhança entre os heróis da poesia e os de romance. Mas essa situação não poderia durar. No primeiro crescimento do heroísmo, quando os homens, ao se organizar em sociedades maiores, começaram a conceber noções das coisas diferentes daquelas que haviam sido criadas naquelas sociedades sem governo e inferiores, ou tribos, eles naturalmente, por conta da novidade do assunto, excederam a natureza, e sobrecarregaram sua coragem com algo excessivo e monstruoso. Mas como, nesse caso, a ideia de heroísmo se formou apenas a partir das próprias imaginações dos homens, não poderia exceder em muito suas habilidades, mas um pouco de prática, experiência e reflexão logo a reduziriam ao ponto da natureza e, ao invés de uma sombra vazia, fariam dela uma substância sólida. Os heróis mouros e os góticos, pelo contrário, tiveram sua fantasia instigada pelas passadas de algo grandioso e galante, que estava além do que eles próprios jamais poderiam ter concebido, e muito além de

qualquer exemplo ou luz que tivessem para guiá-los. Não admira que uma apreensão tão grande para um alcance tão pequeno, um esforço tão grande para habilidades tão pequenas produzisse efeitos bastante fantásticos sobre as maneiras, e tais efeitos fossem difíceis de moderar e reduzir ao ponto da natureza e a uma justa simplicidade.

Sobre essa base se estabeleceu aquela primeira, e mais notável, diferença entre os heróis poéticos e os românticos e, de fato, entre os grandes homens dos primeiros tempos da história antiga e os primeiros modernos, na medida em que, ainda que ambos se valorizassem mais por conta de sua bravura do que por todas as outras virtudes, nos primeiros ela tinha aquele ar de selvageria e barbárie que naturalmente a acompanha quando ela não foi corrigida pela razão ou por melhores exemplos, o que os converteu, de certo modo, em piratas e em ladrões, enquanto os últimos, por uma afetação de civilidade, esforçaram-se para dar a todo o seu comportamento o ar mais cortês e humano que se poderia imaginar, bem como aquela generosidade sublime que sempre acompanha a coragem mais elevada e refinada.

O método pelo qual esses cavaleiros cortesões adquiriram essa sua extrema civilidade foi a mistura do amor à sua coragem. O amor é uma paixão muito generosa, e bem adequada à humanidade e à coragem que buscavam conciliar. A única que pode competir com ele é a amizade, a qual, além de ser uma paixão demasiadamente refinada para o uso comum, não é, nem de longe, tão natural quanto o amor, para o qual quase todos têm uma grande propensão, e do qual é impossível, quando se vê uma bela mulher, não sentir ao menos alguns traços. Além disso, sendo o amor uma paixão caprichosa, ele é mais suscetível a tomar aquelas formas fantásticas que deve assumir quando se mistura à cavalaria. A amizade é coisa sólida e séria e, como o amor pela pátria no caso dos heróis romanos, poderia dissipar e pôr para correr todas as quimeras inseparáveis desse espírito de aventura.

Desse modo, uma senhora era tão necessária a um cavaleiro, ou cavaleiro errante, quanto um deus ou um santo a um devoto. E ele não se deteria aí, nem se contentaria com uma reverência e uma adoração submissa por uma única pessoa do belo sexo, mas estenderia, em algum grau, a mesma civilidade a todas e, por uma inversão curiosa da ordem da natureza, torná-las-ia superiores. Isso não é mais do que o apropriado para a generosidade infinita de que ele fizera profissão. Tudo que está abaixo dele, ele trata com submissão, e todas as coisas que estão acima, de maneira contumaz. Assim, ele eleva até a extravagância esses duplos sintomas de generosidade mencionados por Virgílio:

*Parcere subjectis & debellare superbos.*<sup>6</sup>

Surge daí a aversão forte e irreconciliável que os cavaleiros errantes têm por todos os gigantes, em conjunto com sua submissão respeitosa a todas as donzelas. Essas suas duas afecções ele une em todas as aventuras, as quais têm sempre o propósito de socorrer a donzela em perigo do cativo e da violência dos gigantes.

Sendo o cavaleiro composto do amor mais caloroso, temperado com o respeito e a submissão mais humildes, o comportamento de sua senhora é, em todos os aspectos, o reverso do seu, e o que se destaca no comportamento dela é a maior frieza, bem como a maior arrogância e o maior desdém, até que, por fim, a gratidão pelas muitas vezes em que ela foi libertada, e o sem número de gigantes e monstros que foram destruídos por causa dela, a reduzem, ainda que relutantemente, à necessidade de se tornar uma noiva. Aqui, a castidade das mulheres, que, devido à necessidade dos afazeres humanos, foi, em todas as épocas e países, um extravagante ponto de honra para elas, é levado a um grau de extravagância ainda maior, por conta do qual nenhum dos sexos está isento desse fantástico adorno.

Tais eram as noções de bravura naquela época, e tais as ficções pelas quais formaram-se os seus modelos. Os efeitos que elas tiveram na vida e na conversação comum foram, primeiramente, uma galanteria e uma adoração extravagantes de todo o sexo feminino, e noções românticas de extraordinária constância, fidelidade e paixão refinada por uma senhora. Em segundo lugar, a introdução da prática do combate individual. Quão naturalmente ele surgiu da cavalaria é algo que se pode entender com facilidade. Um cavaleiro errante não luta como qualquer homem cheio de paixão e ressentimento, mas com a maior civilidade misturada à sua coragem inabalável. Ele o saúda antes de cortar sua garganta, e alguém que nada soubesse acerca desse mistério poderia tomá-lo por um rufião traiçoeiro e pensar que, como Judas, ele trai com um beijo quando mostra sua calma generosidade e sua coragem amigável. Consequentemente, tudo é executado com a maior cerimônia e a maior ordem e, sempre que a sorte, ou sua bravura superior, torna um dos lados vitorioso, ele generosamente concede a seu antagonista a sua vida, e novamente o abraça como a um amigo. Quando essas práticas fantásticas foram postas em prática, o mundo maravilhado, que certamente imagina que há muito de real nisso meramente por não haver nada, não pode

---

<sup>6</sup> *Eneida* VI. 853. [Poupar os que se sujeitam e submeter os orgulhosos]

resistir a ver uma inimizade tão cortês como a coisa mais heroica e sublime da natureza e, ao invés de punir o assassinato que poderia seguir-se, como manda a lei em tais casos, louvava e aplaudia o assassino. Assim, justas e torneios tornaram-se os principais entretenimentos.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Essa palavra está indicada como sendo a primeira da página seguinte. Entretanto, o fragmento encontra-se interrompido nesse ponto.